

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA INCIDÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

BULLYING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT AND ITS IMPACT ON PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Genilson César Soares Bonfim

Mestre em Computação Aplicada (UECE). Especialista em Ergonomia e Ginástica Laboral.

Jurandir Fernandes Cavalcante

Mestre em Educação e Gestão Desportiva (Universidade Americana/Católica do Chile). Especialista em Treinamento Desportivo (Universidade Veiga de Almeida) e Futebol (UNIGRANRIO). Graduação em Fisioterapia e Educação Física (UNIFOR). Coordena o curso de graduação em Educação Física (FAMETRO) e especialização em Fisiologia do Exercício e Prescrição de Treinamento (FVJ).

RESUMO

O intuito deste estudo é o de verificar a prática do bullying no contexto escolar e sua incidência nas aulas de educação física, buscando-se compreender e destacar os principais elementos que caracterizam o fenômeno bullying. Ao propor a investigação em uma escola particular em um bairro periférico na cidade de Fortaleza, buscou-se uma avaliação da prática do bullying em um ambiente de fragilidade social, e ao mesmo tempo, investigar suas causas e consequências no ambiente escolar, e em especial nas aulas de educação física. A realização do estudo envolveu diferentes etapas: revisão bibliográfica, observações dos participantes e aplicação de questionário aos estudantes do 5º, 6º e 7º anos dos turnos manhã e tarde. Evidenciou-se um cenário em que a violência é tratada como “comum”, principalmente a violência moral e psicológica. Na pesquisa fica clara a prática do bullying nos estudantes avaliados, já que sofreram bullying através de xingamento, apelidos ou boatos maldosos, em intensidades e maneiras diferentes. As considerações apontaram para a importância do aprofundamento das discussões sobre o conceito de bullying, relativizando a polarização vítima-agressor e ampliando o contexto de análise, com o entendimento de que os vínculos estabelecidos na escola, em especial professor-aluno, são elementos fundamentais a diminuição deste fenômeno em nossos escolares.

Palavras-chave: Educação Física. Bullying. Violência. Escola.

ABSTRACT

The aim of this study is to verify the practice of bullying in the school context and its impact on physical education classes, seeking to understand and highlight the main elements that characterize the bullying phenomenon. In proposing research in a private school in a peripheral district in the city of Fortaleza, sought an assessment of the practice of bullying in a fragile social environment, and at the same time, investigate their causes and consequences in the school environment, and in particular in physical education classes. The study involved different steps: literature review, comments from participants and application of the questionnaire to students of the 5th, 6th and 7th years of morning and afternoon shifts. Was a scenario in which the violence is treated as a “common”, primarily moral and psychological violence. The research is clear the practice of bullying in the analysis chart 05, which shows that 85.71% of the students assessed have already suffered through bullying, name-calling, nicknames or malicious rumors, in different ways and intensities. The considerations pointed to the importance of deepening the discussions on the concept of bullying, relativising the polarization victim-offender and enlarging the context of analysis, with the understanding that the links established at school, teacher-student, in particular are fundamental elements to decrease this phenomenon in our school.

Keywords: Physical education. Bullying. Violence. School.

Recebido em: 17/05/2013

Aceito em : 04/10/2013

1 INTRODUÇÃO

O bullying é um termo de origem norte-americano utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica contra alguém. Pode-se dizer que muitas vezes aquele que pratica o bullying o faz como maneira de autoafirmação junto a um grupo que tenta impressionar. Outra possibilidade é de um comportamento imitativo da prática usual de interação a que esse sujeito foi inserido.

A violência na escola é um tema que muito preocupa os que estão envolvidos no sistema de ensino brasileiro. Encontramos no cotidiano da vida em sociedades diversas formas distintas, umas mais severas do que outras, de agressão aos cidadãos. Por exemplo: ao sermos intimidados por nossos chefes; sermos obrigados a enfrentar filas em órgãos públicos por falta de competência do governo; ao vermos que os profissionais da área da educação não recebem um salário digno e nem as condições necessárias para facilitar seu trabalho.

Estes e diversos outros exemplos de insultos, humilhações e intimidações poderiam ser percorridos por inúmeras linhas, mas este não é nosso objetivo. A nossa meta é lembrar que quando somos influenciados por esses tipos de atitudes, direta ou indiretamente também podemos passar a demonstrar tais atos. Sendo isto transmitido a todos que nos rodeiam, principalmente nossas crianças.

O problema, que ocorre com mais frequência entre os jovens, também se manifesta no meio infantil. Quando o bullying se manifesta entre crianças muito pequenas, pode acontecer como reflexo de momentos em que muitos freios e cuidados de sociabilidade ainda não se organizaram completamente. Assim, confrontadas com a diferença, acabam por ressaltá-la de forma que pode provocar, naquele que é o diferente, sentimentos de menos valia.

Os prejuízos do bullying para os pequenos podem ser intensos. Algumas crianças criam bloqueios com a escola, ocasionando baixa de rendimento, ou mesmo a vontade de desistir da escolarização. Outra manifestação

recorrente é a tristeza e o isolamento, algumas vezes em intensidade tal que se assemelha a um processo depressivo.

Daí surge o problema de pesquisa, que é a de compreender como e se os professores de educação física percebem comportamentos violentos dos alunos, e, por outro lado, saber como estes percebem e vivenciam a violência no ambiente escolar, mantendo o foco nas aulas de educação física.

Portanto, é necessário, inicialmente, saber se ocorrem, por parte dos alunos, comportamentos violentos nas aulas de educação física, e de que natureza eles seriam: agressões interpessoais, depredações, ou formas de violência simbólica, como exclusão e discriminação entre os próprios alunos, ou entre os alunos e o professor. Como, e se, os professores percebem tais episódios de violência, e como os alunos percebem e vivenciam a violência no âmbito escolar, com foco nas aulas de educação física, são outras duas questões que este estudo pretende investigar.

O bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência no ambiente escolar. O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra mais poderosa.

A maioria dos atos de bullying ocorrem fora da visão dos adultos, e grande parte das vítimas não reage ou mesmo fala sobre o assunto o que concorre para que os pais e professores tenham pouca percepção do problema, e portanto tratam o assunto com um certo desdenho, ou atuam de forma insuficiente para a prevenção, redução e interrupção da prática do bullying.

2 METODOLOGIA

2.1 Características do estudo

Neste estudo foi analisada a prática do bullying no contexto da escola e das aulas de

educação física, como campo de estudo utilizamos uma escola da rede privada de ensino fundamental no bairro Conjunto Ceará, em Fortaleza. A escola pesquisada oferece aulas de educação física escolar três vezes por semana, no contra turno das aulas. Apesar de ser uma escola privada, o ambiente que envolve a escola é de alto risco social, pois está encravada em meio a uma área de risco, com uma infraestrutura precária, e uma população de baixa renda, além dos problemas de infraestrutura da comunidade, existe outro problema muito preocupante que é o da insegurança e violência.

Esta pesquisa foi um estudo de campo, a identificação de opiniões e preferências, com a adoção de um questionário estruturado com o intuito de desvendar os questionamentos próprios de nossa pesquisa.

Foram elaboradas instruções de preenchimento no início do questionário. Além de instruções dadas pelo pesquisador aos entrevistados e aos professores que se propuseram a participar com colaboradores da aplicação do questionário.

2.2 Tipo do estudo

Esta foi uma pesquisa exploratória, do tipo levantamento, que procurou analisar por meio de questionário estruturado a opinião de alunos do ensino fundamental II, com relação à prática do bullying nas aulas de educação física escolar.

As vantagens do uso do método do questionário na pesquisa exploratória em relação às entrevistas são:

- utilizam-se menos pessoas para ser executado;
- proporciona economia de custo, tempo, viagens, com obtenção de uma amostra maior;
- não sofre influência do entrevistador. (MARCONI; LAKATOS, 1996; MATTAR, 1996)

2.3 População e amostra

Participaram da pesquisa 147 alunos oriundos de uma escola particular no município de Fortaleza, mais especificamente no bairro Conjunto Ceará, as crianças pesquisadas eram das turmas do 5º, 6º e 7º anos do ensino fundamental, nos turnos manhã e tarde, com idade média de 13 anos.

2.4 Critérios de exclusão

Não puderam participar da amostra, alunos que não tiveram autorização dos pais, ou ainda que não se dispuseram a participar voluntariamente de nossa pesquisa.

Também não puderam participar da presente pesquisa alunos que não fossem das turmas dos 5º, 6º e 7º anos, pois somente as citadas turmas foram alvo de nossa pesquisa.

2.5 Instrumentos utilizados

Foi aplicado aos alunos um questionário com perguntas sobre a prática do bullying no contexto da escola e das aulas de educação física. Perguntas estruturadas de forma direta com múltipla escolha, com a garantia de anonimato nas respostas produzidas pelos entrevistados, visando uma abordagem direta do assunto foco de nossa pesquisa.

A pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados. As pesquisas de campo podem ser dos seguintes tipos (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 53).

Exploratórias: tem como finalidade aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado. Pode ser usada, para facilitar a elaboração de um questionário ou para servir de base a uma futura pesquisa, ajudando a formular hipóteses, ou na formulação mais precisa dos pro-

blemas de pesquisa [...]. Também visa clarificar conceitos, ajudar no delineamento do projeto final da pesquisa e estudar pesquisas semelhantes, verificando os seus métodos e resultados. Como método de coleta de dados, utiliza questionários, entrevistas, observação participante, etc.

2.6 Coleta de dados

Com a autorização expressa do proprietário e diretor da escola, e com a colaboração da coordenadora pedagógica da escola, nos dirigimos às salas de aulas onde foi explicado o propósito da pesquisa aos alunos presentes e possíveis voluntários de nossa pesquisa. Anteriormente houve um contato com os professores, com o intuito de que os mesmos repassassem os esclarecimentos necessários aos alunos sobre a importância da participação na pesquisa.

Após os devidos esclarecimentos acerca do questionário e também da importância desse estudo e da colaboração do voluntário, foi fornecido todo o material necessário para o início da coleta dos dados.

Antes da aplicação do questionário, fornecemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.), que deveria ser preenchida pelos pais dos alunos, tornando clara a participação por livre e espontânea vontade de cada indivíduo voluntário, autorizando a aplicação do questionário a seus filhos, neste caso o próprio filho já se mostrou disposto a participar do estudo. Em nossa pesquisa seguimos os ditames da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata da pesquisa com seres humanos. (BRASIL, 1996)

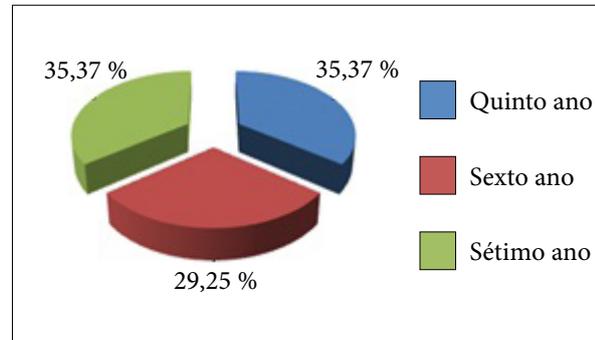
No dia seguinte seguimos com a pesquisa, com a aplicação do questionário de pesquisa aos estudantes que detinha autorização expressa dos pais através do T.C.L.E. Os questionários foram gentilmente respondidos pelos estudantes e entregues a este pesquisador.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados foi realizada a tabulação e a interpretação dos dados coletados

durante a pesquisa, tornando assim, mais fácil a interpretação dos dados através de histogramas apresentados em estilo de setores sólidos ou explodidos, a critério de livre escolha do pesquisador.

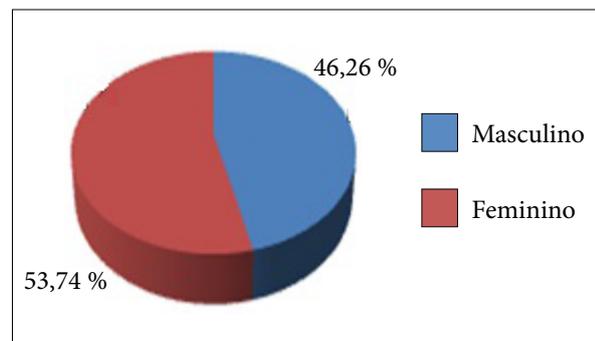
Gráfico 01 - Série dos estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa.

A amostra observada nesta pesquisa é composta de 147 (cento e quarenta e sete) alunos dos 5º, 6º e 7º anos do ensino fundamental II, dos turnos manhã e tarde, de uma escola particular no bairro Conjunto Ceará, na cidade de Fortaleza/CE.

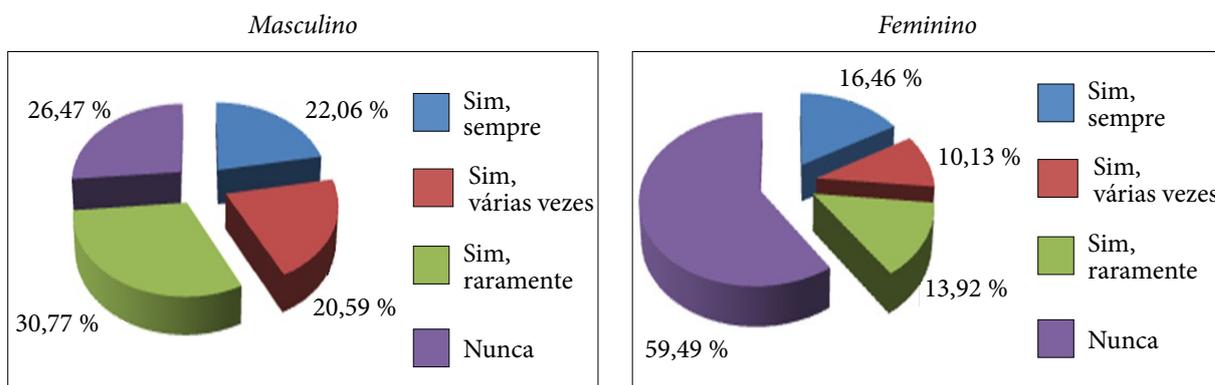
Gráfico 02 - Gênero.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nossa amostra é bem equilibrada do ponto de vista gênero, pela participação de 46,26% (68 alunos) do público masculino e 53,74% (79 alunas) do público feminino, trazendo uma visão mais equilibrada da pesquisa, pois retrata a visão de ambos os sexos na questão abordada nesta pesquisa.

Gráfico 03 - Você já foi vítima de agressão física praticada por outros alunos?



Fonte: Dados da pesquisa.

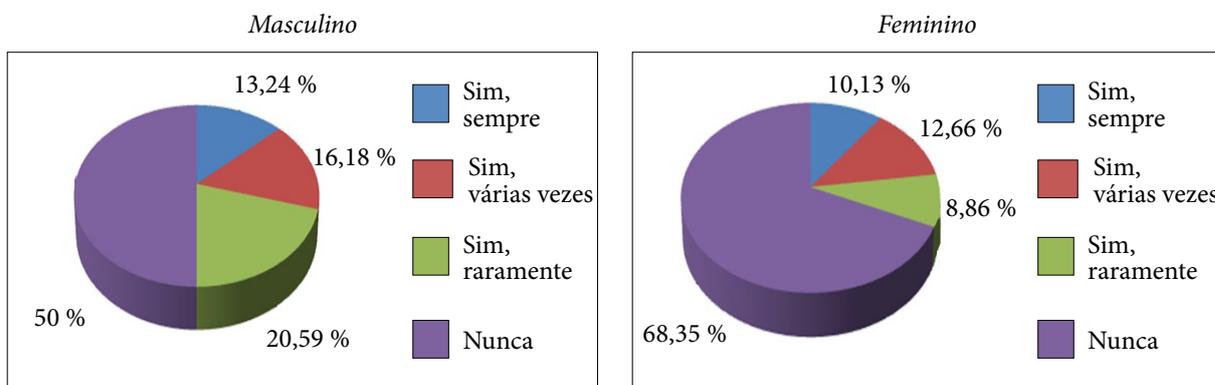
Em nossa pesquisa temos a observação que dentre os meninos 22,06% responderam que sim, sempre; 20,59% sim, várias vezes; 30,88% sim, raramente; e 26,47% responderam que nunca foram vítimas de agressão física.

Mostrando um alto índice da ocorrência de agressão física entre os escolares do sexo masculino, e denotando uma situação preocupante nesta faixa etária no que se refere ao cometimento de bullying no ambiente escolar.

Já com as meninas: 16,46% responderam que sim, sempre; 10,13% sim, várias vezes; 13,92% sim, raramente; e 59,49% responderam que nunca foram vítimas de agressão física.

Apesar de um menor índice de agressões físicas relatadas pelas meninas em relação aos meninos, os índices ainda são preocupantes, pois quase a metade delas já sofreu alguma agressão física na escola.

Gráfico 04 - Você já agrediu fisicamente algum alunos durante as aulas?



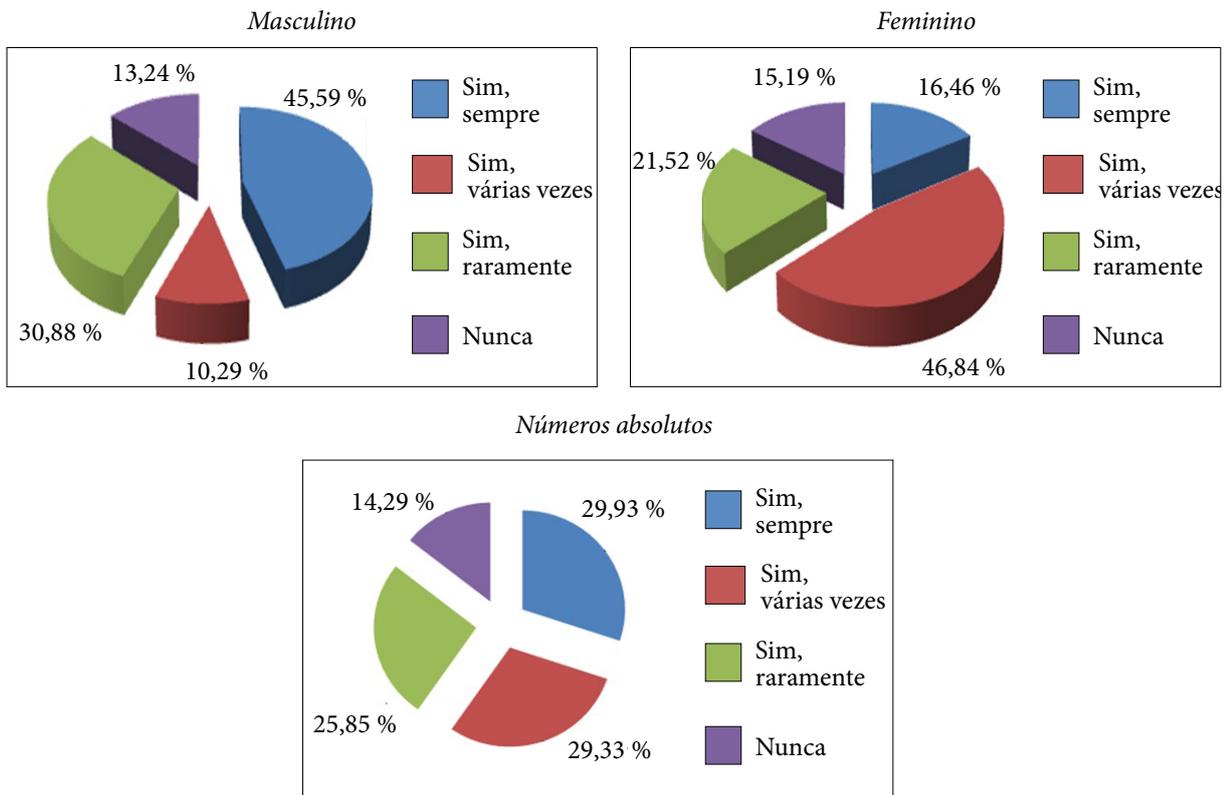
Fonte: Dados da pesquisa.

No gráfico 04, fica explícito que pelo menos metade (50%) dos homens já agrediram alguém, que não necessariamente estes homens podem ter agredido os próprios homens, ou mesmo que esta agressão possa ter partido de uma ação de revide.

Dentre as mulheres os números são mais amenos 31,65%, apesar de ser uma parcela significativa no tocante à agressão física, pois este

evento é considerado grave no meio social que estamos inseridos, e portanto deve ser tratada como uma situação inaceitável dentro de uma sociedade dita civilizada.

Algumas justificativas para a agressão física é o revide de outra agressão, como se uma agressão pudesse resolver o problema da violência, e comumente se aplica a prática da cultura do olho por olho, dente por dente.

Gráfico 05 - Você já foi vítima de boatos, apelidos ou xingamentos durante as aulas de Educação Física?

Fonte: Dados da pesquisa.

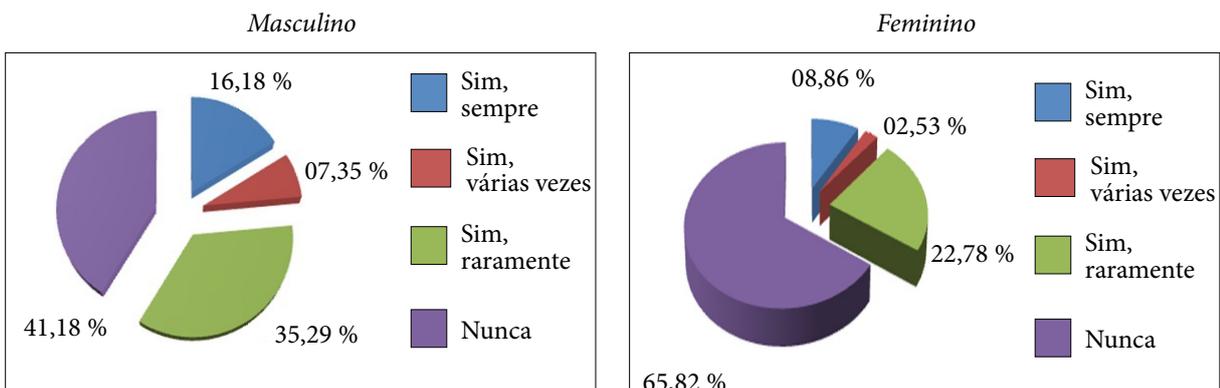
Segundo os números absolutos do gráfico 05, que trata das vítimas de boatos/apelidos/xingamentos, vemos que é frequente o uso desse tipo de bullying entre os pesquisados.

Apenas 14,29 % nunca sofreram tal agressão. Em números relativos, às mulheres levam uma pequena vantagem, pois apenas 15,19% nunca sofreram boatos/apelidos/xingamentos, já 13,24% dos rapazes afirmaram nunca ter sofrido deste tipo de bullying.

Apesar de muitos adultos acharem que apelidos ou xingamentos não passam de brin-

cadeira, este comportamento é bastante prejudicial ao desenvolvimento social dos adolescentes, pois é nesta época que eles estão se afirmando na sociedade, e uma apelido pode afastá-lo do convívio social e trará sequelas irreversíveis para este futuro adulto.

O ato de colocar apelidos, em quem quer que seja, deve ser coibido e jamais usado por pais e professores, pois estes tem uma influência muito forte entre os adolescentes, ficando potencializado seu efeito como uma ordem que deve ser repetida pelos demais adolescentes.

Gráfico 06 - Você já divulgou boatos/apelidos/xingamentos a outros alunos durante as aulas de Educação Física?

Fonte: Dados da pesquisa.

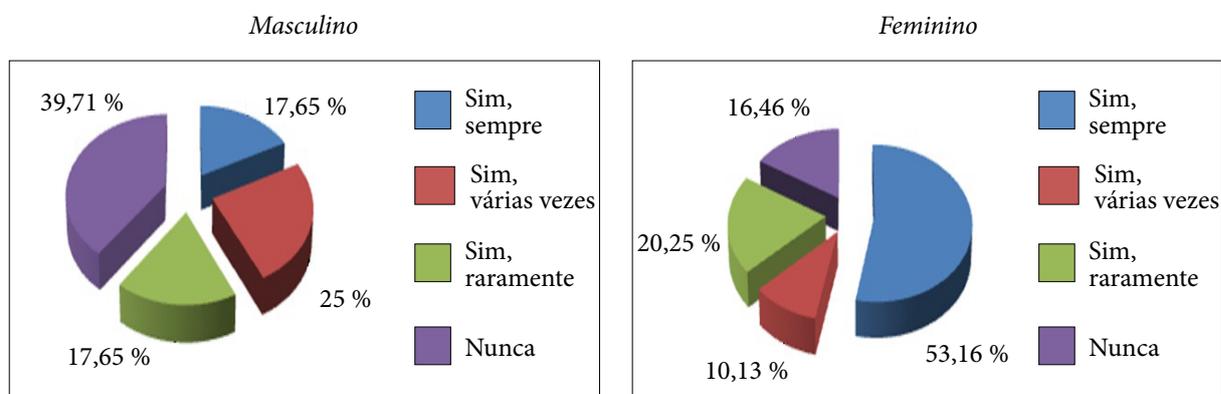
Na análise do gráfico 06 notamos uma incoerência em relação ao gráfico 05 pois, em números absolutos, 85,71% já sofreram algum tipo de boato/apelido/xingamento. E o que vemos é que entre os meninos 41,18% afirmam nunca terem divulgado boatos/xingamentos/apelidos, já entre as meninas os índices são maiores. 65,82% responderam também que nunca apresentaram esse comportamento

O que nos faz refletir que na maioria das vezes os que praticam este tipo de bullying são, via de regra, as mesmas pessoas, tornando-se

assim agressores costumasses. São pessoas que usam da agressão moral como forma de chamar atenção para si, trazendo com isso, sérios prejuízos emocionais aos agredidos.

Este comportamento é sim considerado uma agressão, que na maior parte dos casos são imperceptíveis aos pais e professores, por não deixarem marcas físicas. No entanto, trazem graves cicatrizes para a alma do agredido, e suas sequelas podem durar a vida toda, daí a importância de uma política que impeça esse comportamento entre os escolares.

Gráfico 07 - Você ao perceber que outros alunos estão sofrendo agressão procura impedir ou pede ajuda ao Professor de Educação Física?

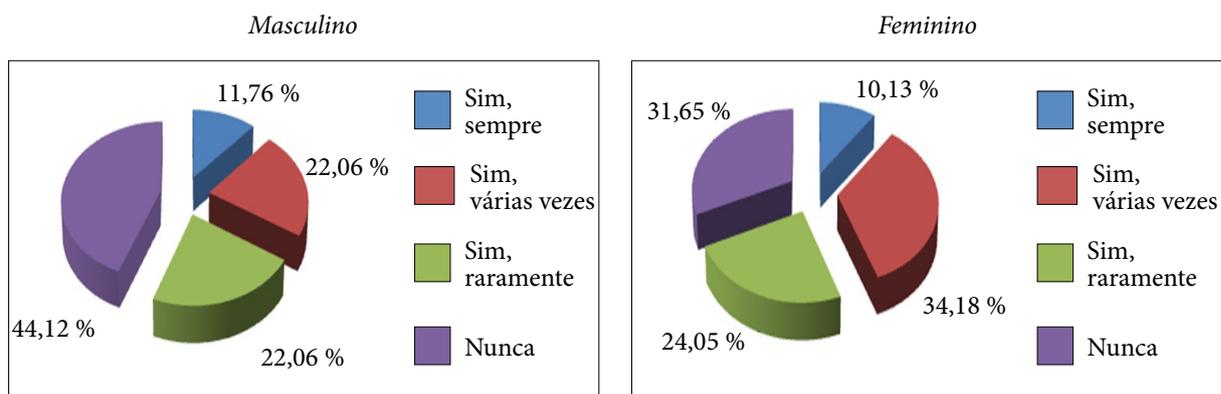


Fonte: Dados da pesquisa.

Neste item as meninas mostraram um comportamento mais ativo. 83,54 % relatam ao professor de educação física os casos presenciados de agressão, mas apenas 16,46 % afirmam nunca relatar tais flagrantes nas aulas.

Já entre os meninos, 39,71 % não relatam as agressões presenciadas. Várias são as razões que levam os meninos a não relatarem, mas a principal é a cultural, do homem machão e que o revide é a melhor opção, ou mesmo, se calar para evitar represaria dos agressores.

Gráfico 08 - Você já presenciou agressões físicas/psicológicas antes, durante ou depois das aulas de Educação Física?

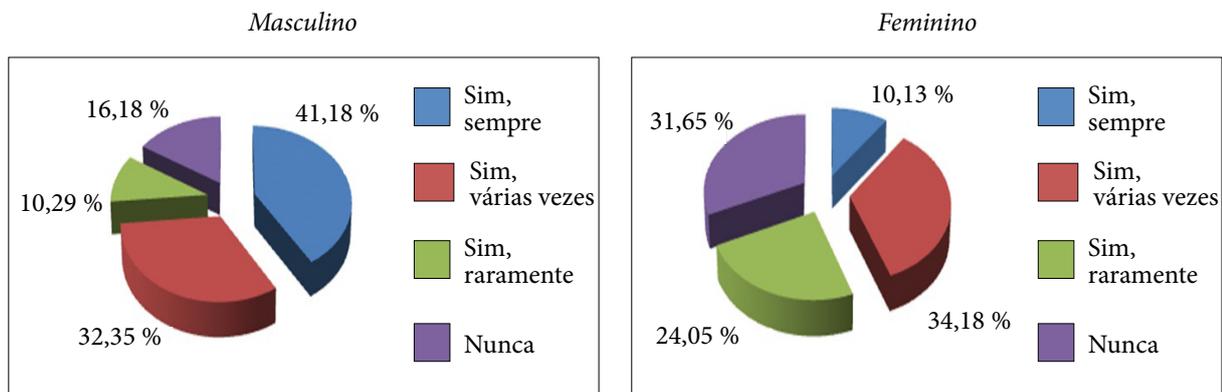


Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 08 relata que 31,65 % das meninas nunca presenciaram agressões de qualquer tipo, antes, durante ou depois das aulas de educação física.

Já com os meninos os índices são bem menores, pois apenas 44,12 % dos alunos afirmam que nunca presenciaram agressões, antes durante ou depois das aulas de educação física.

Gráfico 09 - Você já presenciou um aluno ou vários alunos falando palavrões ou dando apelidos a outros alunos nas aulas de Educação Física?



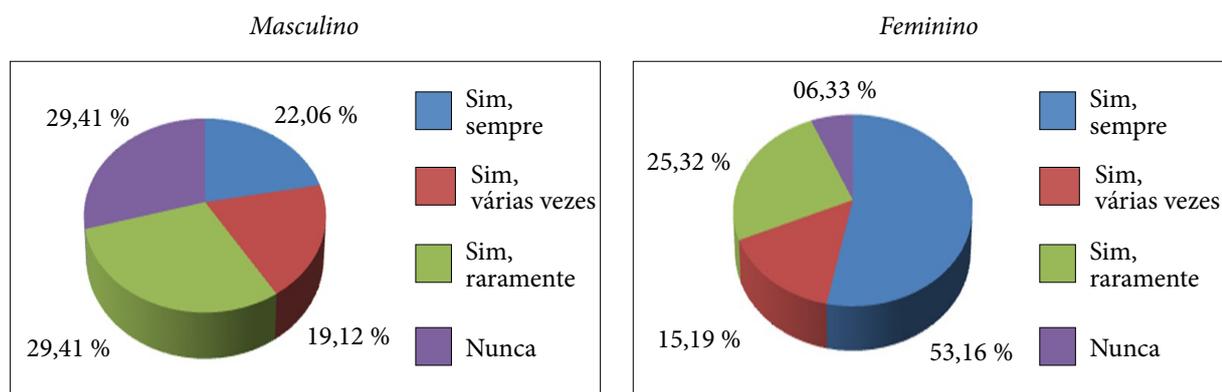
Fonte: Dados da pesquisa.

Agressões morais são uma constante nas aulas de educação física, os xingamentos, palavrões e insultos são comuns durante as aulas, é o que revela os dados colhidos no gráfico 09, que revela que apenas 16,18 % dos meninos nunca presenciaram a agressão moral durante

as aulas de educação física.

E que entre as meninas apenas 31,65 % delas nunca presenciaram o pronunciamento de palavrões, xingamentos ou apelidos nas aulas de educação física.

Gráfico 10 - Visualizando a questão anterior 07, estas ações sempre se repetem nas aulas de Educação Física com os mesmos alunos?

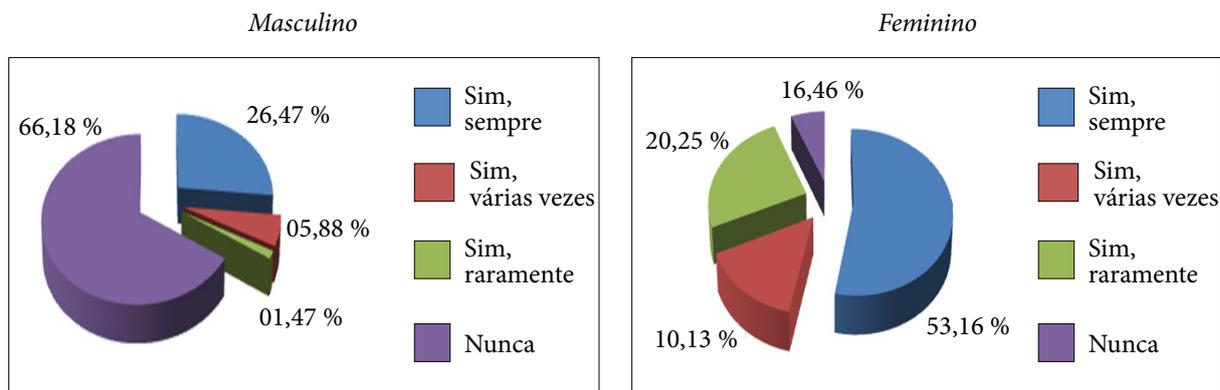


Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 10, mostra que as agressões são dirigidas as mesmas pessoas, ficando evidente que as escolhas dos agressores são pelos considerados mais fracos ou passivos em relação à prática do bullying.

Os números são nítidos, pois dizem que 70,59 % das alunas afirmam que as agressões se repetem no mesmo público. E não é diferente nas alunas do sexo feminino fazem a mesma afirmação em 93,67 % dos casos.

Gráfico 11 - Já presenciou o Professor de Educação Física utilizando de palavrões ou humilhando você e outros alunos durante as aulas?



Fonte: Dados da pesquisa.

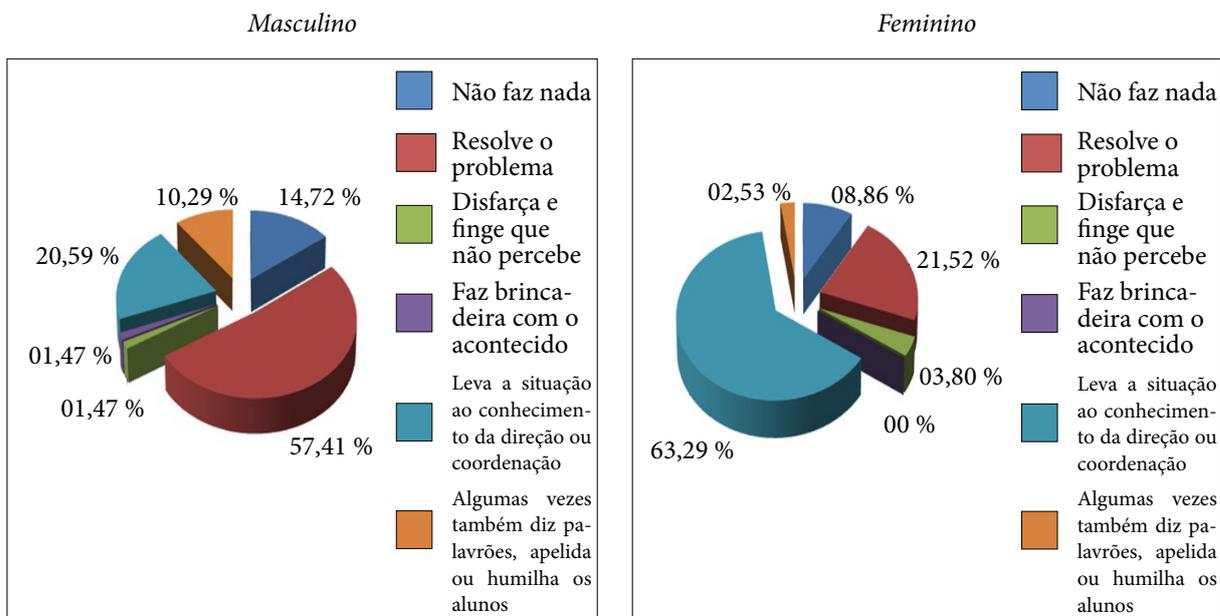
Infelizmente nesta pergunta se vê que os professores em muitas vezes são os patrocinadores das agressões verbais, e que muitos nem se dão conta de que com está atitude estão ferindo de morte os princípios aceitáveis de civilidade e didática de ensino.

O gráfico 11 mostra que 33,82 % dos meninos já presenciaram algum tipo de uso

inadequado de linguajar e até mesmo em situações de humilhação para com os alunos.

E é mais preocupante ainda como responderam as meninas, que afirma que 93,67, já presenciou algum tipo de uso inadequado de linguajar (palavrões), e até mesmo em situações de humilhação para com os alunos durante as aulas de educação física.

Gráfico 11 - Que atitudes o professor de Educação Física toma quando algum aluno: diz palavrões, apelida ou humilha outros alunos?



Fonte: Dados da pesquisa.

4 CONCLUSÃO

São dois os caminhos que podem ser uti-

lizados para viabilizar o trabalho preventivo. O primeiro segue a via da orientação (educação) e o outro a imposição de limites por meio do

diálogo e do exemplo. Investir na prevenção em qualquer aspecto que seja é válido para proteger quem sofre com o bullying, para alertar a sociedade sobre a temática ainda pouco estudada e para coibir que ações como essas se disseminem.

Importante é que seja disseminada a ideia de que o bullying não pode e nem deve ficar impune, bem como que os que praticam atos dessa natureza responderão a procedimentos, ficando sujeitos a cumprir medida sócio-educativa proporcional ao ato praticado. Felizmente os episódios que terminam em homicídio ou suicídio são raros, mas não são poucos as vítimas do bullying que por medo ou vergonha sofrem em silêncio.

Apesar de estar em evidência na contemporaneidade essa é uma prática antiga e bastante conhecida por nós. Mas esse comportamento, considerada normal, por muitos pais, estudantes e até professores, está longe de ser inocente, pois não se trata de simples brincadeira de criança. Merece ser levado a sério e enfrentado por todos. A prevenção é o caminho, possibilitando a construção de uma sociedade justa e menos desigual. Temos convicção que o enfrentamento a prática do bullying é uma importante colaboração na construção de uma sociedade diferente. Frente a isto, o grande desafio para a sociedade como um todo, é trabalhar no incentivo de disseminar a tolerância como caminho único para o respeito às diferenças individuais.

De acordo com os resultados do estudo, percebe-se que a escola não tem sido um espaço muito explorado pela comunidade científica, no que se refere ao comportamento agressivo existente entre os estudantes, e, levantamentos sobre a exposição de crianças e adolescentes ao bullying, ainda são muito escassos e lacunas ainda permanecem no sentido de se entender o que pode ser feito para controlar a exposição dos escolares a estes comportamentos, inclusive levando em consideração as particularidades regionais e quais possibilidades de intervenções podem ser deflagradas para lidar com este problema. Portanto, embora não seja um fato novo e esteja começando a haver um

incremento em estudos confirmando sua existência nos ambientes escolares, há a necessidade de aumento no interesse da comunidade científica e acadêmica em investigar a prática do bullying para sua melhor compreensão e, conseqüentemente prevenção no ambiente escolar.

Percebe-se que há em nosso país um grande movimento contrário ao bullying. Entretanto, é necessário compreender que estamos diante de uma das facetas da violência. Que outras violências invadem o cotidiano de nossas crianças e adolescentes – seja na escola, a família, na comunidade, nos filmes, nos games, na TV, na Internet, no descaso social, na falta de assistência, na saúde e no ensino de má qualidade, no analfabetismo funcional, na exploração do trabalho e do sexo, na exclusão social, na pobreza extrema gerando a fome, no abandono familiar e do poder público, na falta de lazer, de esperança, de paz, violando a garantia de seus direitos e estimulando, muitas vezes, o descumprimento dos seus deveres. (FANTE, 2005)

Vivemos em um ambiente onde o materialismo tomou conta, as crianças em sua formação são conduzidas indiretamente a serem como embalagens, o “produto humano” perde seu precioso valor, a sua essência e deixa o rótulo tomar conta... Infelizmente a sociedade nos pressiona a sermos assim, é algo já condicionado, a embalagem fala mais alto, os valores estão se extinguindo, ninguém da mais nada para isso, somos tratados como cascas, temos que estar na moda, com um físico legal, só querer saber de balada, falar na gíria, muitas vezes até consumir atos ilícitos para sermos populares. Inclusão social de fachada, só conseguiremos ser uma sociedade igualitária no geral quando houver uma nova concepção de valores, caso o contrário continuaremos vendo esse cenário.

Por fim, enfrentar a violência não é tarefa fácil. A violência é um fenômeno social, complexo e multifatorial. A escola sozinha não consegue conter as violências a participação, envolvimento e compromisso da família, sem o apoio de instituições que asseguram os direi-

tos de crianças e adolescentes, sem o comprometimento efetivo de governos na criação de políticas públicas e aplicação de investimentos em projetos concretos que ofereçam oportunidades de mudanças significativas na vida de crianças e adolescentes, na capacitação de profissionais de educação, saúde, assistência social, operadores do direito, dentre outros, para o desenvolvimento de programas preventivos eficazes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Educação dos sentidos**. Campinas: Verus, 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. 2002. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- ARROYO, M. G. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 787-807, 2007.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- CHALITA, G. **Pedagogia do amor**. São Paulo: Gente, 2005.
- CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo?**: Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005. 224 p.
- KRISTENSEN, C. H. *et al.* Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. **Estud. Psicol**, Natal, v. 8, n. 1, abr. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.php>>. Acesso em 10 abril de 2013.
- LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, 2003.
- LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.
- NICOLAU, M. L. M. Escolarização e socialização na educação infantil. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 119-125, 2000.
- PALACIOS, M.; REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 3-5, 2006.
- SPOSITO, M. P. As vicissitudes das políticas públicas de redução da violência escolar. In: TIBA, I. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Dente, 1996.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 145-164, 2001.